

KHALIL GIBRAN

asas partidas

Tradução de
Emil Farhat e Tárík De Souza Farhat

1ª Edição



E D I T O R A R E C O R D

Rio de Janeiro

2021

*Para aquele que encara o sol com
olhos fixos e agarra as chamas com
mãos firmes e que ouve a sintonia
espiritual da Eternidade por trás dos
sofrimentos clamorosos dos cegos.*

*A M.E.H. dedico este livro.**

GIBRAN

*M.E.H. são as iniciais de Mary E. Haskell, a norte-americana que foi mentora e amiga de Gibran desde 1904 até a morte do poeta. Muitos dos escritos e desenhos de Gibran são dedicados a Mary. (N. do T.)

Prólogo

Tinha eu 18 anos quando o amor abriu meus olhos com seus raios mágicos e tocou meu espírito, pela primeira vez, com seus dedos ardentes. E Selma Karamy foi a primeira mulher que despertou meu espírito com sua beleza e conduziu-me ao Éden dos sentimentos sublimes, onde os dias passam como sonhos e as noites, como núpcias.

Selma Karamy foi quem me ensinou a venerar o belo no exemplo de sua própria beleza e revelou-me o segredo do amor em sua afeição; ela foi a primeira a recitar para mim o poema dos mistérios da vida.

Todo jovem relembra seu primeiro amor e tenta recapturar aquele estranho momento, cuja memória muda seus sentimentos mais profundos e o faz tão feliz a despeito de toda a amargura de seu mistério.

Na existência de cada jovem há uma “Selma”, que lhe aparece repentinamente, durante a primavera da vida, dá à sua solidão um sentido poético, preenchendo o silêncio de suas noites com a música de sua lembrança.

Eu estava profundamente absorto em pensamento e contemplação e buscava compreender o sentido da natureza e a revelação dos livros e escrituras, quando ouvi o amor sussurrar em meus ouvidos através dos lábios de Selma. Minha vida era monótona, vazia como a de Adão no Paraíso, quando vi Selma em pé diante de mim como uma coluna de luz. Ela era a Eva deste coração repleto de enigmas e singularidades, que o enriqueceu de segredos e desejos e me fez entender o sentido da vida.

A primeira Eva conduziu Adão para fora do Paraíso por sua própria vontade, enquanto Selma me fez entrar voluntariamente no Paraíso do puro amor e da virtude, por sua ternura e carinho. Ainda assim, o que ocorreu ao primeiro homem também aconteceu comigo. E a espada incandescente que expulsou Adão do Paraíso não era diferente da que me aterrorizou com sua lâmina ofuscante e me obrigou a sair do Éden de meu amor, sem que eu fosse culpado de ter desobedecido a qualquer ordem ou nem sequer provado o fruto da árvore proibida.

Hoje, depois de muitos anos, nada me restou daquele belo sonho, exceto lembranças dolorosas esvoaçando, como asas invisíveis, em torno de mim, enchendo as profundezas de meu coração de tristeza e trazendo lágrimas aos meus olhos. E minha amada, a bela Selma, já se foi para além do horizonte azul; e nada foi deixado para homenageá-la, exceto meu coração partido e uma tumba à sombra dos ciprestes. Aquela tumba e este coração são tudo que resta para testemunhar a presença de Selma.

O silêncio que guarda o túmulo não revela o segredo de Deus encerrado nas trevas do ataúde, e o farfalhar dos galhos que se nutrem do corpo não conta os mistérios daquela lápide; só os suspiros agonizantes de meu coração é que anunciam para a vida a tragédia que teve por heróis o amor, a beleza e a morte.

Oh, amigos de minha juventude, que estais dispersos pela cidade de Beirute, quando passardes por aquele cemitério, perto da floresta de pinheiros, entrai nele silenciosamente e caminhai devagar para que vossos passos não perturbem a sonolência da morte; parai humildemente diante do túmulo de Selma e saudai a terra que encobre seu corpo. Mencionai meu nome com um suspiro profundo e dizei para vós mesmos: “Aqui foram enterradas

todas as esperanças de Gibran, que está vivendo como um prisioneiro do amor além dos mares. Neste lugar, ele perdeu sua alegria, esgotou suas lágrimas e desaprendeu a sorrir.”

Naquele túmulo, cresce a tristeza de Gibran juntamente aos ciprestes e aos salgueiros, e acima da tumba seu espírito tremula todas as noites homenageando Selma, acompanhando os galhos das árvores em triste lamento, deplorando e lastimando a perda de Selma, que, ontem, era um belo acorde nos lábios e, hoje, é um mistério silencioso no coração da terra.

Oh, companheiros de minha juventude! Apelo para vós em nome das mulheres que vossos corações amaram, para que depositeis uma coroa de flores no túmulo esquecido de minha amada, pois as flores que depuserdes no túmulo de Selma serão como gotas de orvalho, que as pálpebras da aurora vertem sobre uma rosa sedenta.

1

Tristeza muda

Vós todos lembrais com demorada alegria da aurora da juventude e lamentais que já se vá tão distante; mas lembro-me dela como um prisioneiro que recorda as grades e os grilhões de sua cela. Falais daqueles anos entre a infância e a juventude como uma era de ouro, livre de confinamento e preocupações, mas eu chamo a estes anos uma era de tristeza muda, que caiu como uma semente em meu coração e cresceu com este e não pôde encontrar saída para o mundo da sabedoria e da experiência, até que chegou o amor e abriu as portas do coração e iluminou seus cantos.

O amor proporcionou-me uma linguagem própria e a eloquência das lágrimas. Vós vos lembrais dos jardins e das orquídeas, dos lugares de reunião e das esquinas das ruas que testemunharam vossos

divertimentos e ouviram vossos inocentes sussurros; e eu me lembro também daquela bela região do Norte do Líbano.

Cada vez que cerro os olhos, vejo aqueles vales cheios de magia e dignidade e aquelas montanhas cobertas de glórias e grandeza tentando alcançar os céus. Cada vez que fecho os ouvidos ao clamor da cidade, ouço o murmúrio dos riachos e o sussurro das árvores acariciadas pelo vento. Todas essas belezas de que falo agora e que estou saudoso para rever, como uma criança que está ansiosa pelo seio da mãe, feriram o meu espírito encarcerado na escuridão da juventude como um falcão que sofre em sua gaiola, quando vê um bando de pássaros voando livremente pelo céu espaçoso. Aqueles vales e montanhas incendiaram minha imaginação, mas amargos pensamentos teceram uma rede de desesperanças em torno de meu coração.

Todas as vezes que busquei os campos, retornei desapontado, sem entender a causa de minha decepção. Todas as vezes que olhei para o céu cinza, senti meu coração contrair-se. Cada vez que ouvi o gorjeio do melro ou o canto das fontes, sofri, sem entender a razão de meu sofrimento. Está dito que a simplicidade faz o homem vazio e esse vazio o torna despreocupado. Isto pode ser verdade entre aqueles que nasceram mortos e passam por este

mundo como seres inertes e insensíveis. Mas o jovem atilado que sente muito e ainda sabe pouco é a criatura mais desafortunada que vive sob o sol, pois é torturado por duas forças. A primeira o eleva e lhe mostra a beleza da existência através de uma nuvem de sonhos; a segunda amarra-o à terra e lhe enche os olhos de pó, deixando-o perdido em meio a intensas trevas.

A solidão tem mãos sedosas, macias, mas com dedos fortes agarra o coração e o faz penar de tristeza. A solidão é aliada da tristeza tanto quanto uma companheira de exaltação espiritual.

A alma do jovem, sofrendo o golpe da tristeza, é como um lírio branco que desabrocha. Ele tremula ante a brisa e abre seu coração ao amanhecer e fecha suas pétalas quando vem a sombra da noite. Se esse jovem não tem prazer, amigos ou companheiros nos seus divertimentos, sua vida será como uma prisão estreita na qual ele nada vê, além de teias de aranha, e nada ouve, além do zumbir ou do rastejar dos insetos.

Aquela tristeza que me acompanhou durante a juventude não era causada pela falta de divertimento, porque eu podia tê-los tido; nem por falta de amigos, porque eu podia tê-los encontrado. Aquela tristeza era causada por um sofrimento interior que me fez amar a solidão. Ela matou em mim a inclina-

ção por prazeres e diversões. Ela decepcionou dos meus ombros as asas da juventude e me fez, como uma laguna isolada entre montanhas, capaz de refletir na calma de sua superfície as sombras dos fantasmas e as cores das nuvens e das árvores, mas que não consegue encontrar um caminho através do qual suas águas afluam cantando no mar.

Essa era a minha vida, antes que eu atingisse 18 anos. Tal ano foi como um pico de montanha em minha vida, pois ele me despertou para a experiência e me fez entender as vicissitudes do ser humano. Naquele ano eu renasci e, a não ser que uma pessoa nasça de novo, sua vida ficará como uma página em branco no livro da existência. Naquele ano eu vi os anjos do Paraíso olhando para mim através dos olhos de uma bela mulher. Eu também vi os demônios do inferno atormentando o coração de um homem perverso. Aquele que não viu os anjos e os demônios nas belezas e nas maldades da vida priva sua mente de conhecimentos e sua alma de sentimentos.